

“AINDA EXISTE ENTRE NOSSO POVO AS TROCAS TRADICIONAIS”: MODIFICAÇÕES ECONÔMICAS DENTRO E FORA DE ALGUMAS COMUNIDADES INDÍGENAS


“TRADITIONAL EXCHANGE BETWEEN OUR PEOPLE”: ECONOMIC CHANGES INSIDE AND OUTSIDE OF SOME INDIGENOUS COMMUNITIES

Matheus Moreira da Silva¹; José Pedro Machado Ribeiro²/ Ana Paula Purcina Baumann³

RESUMO

Costumes, conhecimentos, mitos, culturas, relações comerciais, quantificações e as línguas dos povos indígenas são frequentemente questionados pela sociedade envolvente. São poucas as populações indígenas que não sofreram influências que, em sua maioria, foram estabelecidas por relações de contatos interétnicos, com ações que visavam lucrar com a exploração cultural e econômica, dentro e fora das comunidades. Dessa forma, este artigo apresenta reflexões acerca da experiência vivenciada no tema contextual “Cultura e Comércio”, juntamente com alguns estudantes indígenas do curso de Licenciatura em Educação Intercultural, da Universidade Federal de Goiás, no ano de 2017. O objetivo deste estudo é identificar as modificações econômicas dentro e fora das comunidades indígenas, tanto no passado quanto no presente. Para isso, lançamos mão de problematizações necessárias aos alunos, que, conhecendo e lidando com o ambiente natural e social, estão vivenciando as modificações econômicas; sendo questionados: como foram realizadas as relações comerciais no passado? E, como são realizadas as relações comerciais hoje? De tal forma, foi utilizada uma abordagem etnográfica, com enfoque hermenêutico interpretativo, como componente metodológico das Ciências Sociais, e as discussões serão sustentadas a partir da perspectiva da Etnomatemática. Assim, essa investigação nos traz que os conhecimentos e práticas tradicionais indígenas receberam diversas influências


¹ Mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFG). Aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (UFG). Membro do Matema: Grupo de Pesquisa e Formação em Educação Matemática. Universidade Federal de Goiás - Campus Samambaia - R. Jacarandá - Chácaras Califórnia, Goiânia - GO, 74001-970. E-mail:

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3925-6527>.

² Doutor em Educação – Universidade de São Paulo (USP). Professor do curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI) e do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro do Matema: Grupo de Pesquisa e Formação em Educação Matemática. Universidade Federal de Goiás - Campus Samambaia - R. Jacarandá - Chácaras Califórnia, Goiânia - GO, 74001-970. E-mail: zepedro@ufg.br.

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9227-3908>.

³ Doutora em Educação Matemática – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, campus Rio Claro). Professora do curso de Licenciatura em Educação Intercultural do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI) e do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Membro do Matema: Grupo de Pesquisa e Formação em Educação Matemática. Universidade Federal de Goiás - Campus Samambaia - R. Jacarandá - Chácaras Califórnia, Goiânia - GO, 74001-970. E-mail: ana.baumann@ufg.br.

 ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1149-3504>.



pelos demais segmentos da sociedade nacional, o que acarretou modificações na cultura e nas relações econômicas entre os povos. Por fim, é alentado destacar que a aproximação com a Etnomatemática, foi importante, pois permitiu aos alunos indígenas debater sobre suas práticas econômicas e seus direitos, fortalecendo assim os valores comerciais tradicionais pertencentes aos distintos povos indígenas.

Palavras-chave: Relações Socioeconômicas; Diversidade; Educação Intercultural; Etnomatemática; Educação Matemática.

ABSTRACT

Customs, knowledge, myths, cultures, trade relations, quantifications and the languages of indigenous peoples are often questioned by the surrounding society. There are few indigenous populations that have not been influenced, which, for the most part, were established through relationships of interethnic contacts, with actions that aimed to profit from cultural and economic exploitation, inside and outside the communities. In this way, this article presents reflections on the experience lived in the contextual theme “Culture and Commerce”, together with some indigenous students of the Degree in Intercultural Education, from the Federal University of Goiás, in the year 2017. The purpose of this study is to identify economic changes inside and outside indigenous communities, both in the past and the present. For this, we resort to the necessary problems to students, who, knowing and dealing with the natural and social environment, are experiencing economic changes; being asked: how were the commercial relations carried out in the past? And, how are commercial relations carried out today? In such a way, an ethnographic approach was used, with an interpretative hermeneutic focus, as a methodological component of Social Sciences, and the discussions will be sustained from the perspective of Ethnomathematics. Thus, this investigation shows that traditional indigenous knowledge and practices have received various influences from other segments of national society, which has led to changes in culture and economic relations between peoples. Finally, it is encouraging to highlight that the approach to Ethnomathematics was important, as it allowed indigenous students to debate their economic practices and their rights, thus strengthening the traditional commercial values belonging to the different indigenous peoples.

Keywords: Socioeconomic Relations; Diversity; Intercultural Education; Ethnomathematics; Mathematical Education.



Modificações econômicas dentro e fora de algumas comunidades indígenas: um breve relato

No Brasil, vivem-se vários povos com distintas línguas, saberes próprios e representações culturais próprias, uma gama de diversidade cultural. Em relação às populações originárias, o censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, esclarece que “o Brasil é composto por 305 etnias indígenas e 274 línguas distintas” (IBGE, 2010, p. 5).

Costumes, línguas, conhecimentos, cosmologias, cosmovisões e as relações socioeconômicas são alteradas pelos demais segmentos da sociedade brasileira. A sociedade não indígena, sempre, questiona os distintos modos de viver, suas escritas e linguagens. No Brasil, são poucos os povos originários que não foram influenciados. Influências essas que se deram por meio do contato, direto, com o não indígena, e que em grande parte, visa apenas a exploração e o lucro.

Após a deliberação de leis e normativas presentes na Constituição Federal de 1988, consagrou-se uma economia de mercado baseada na livre iniciativa. De tal maneira, a teoria econômica que foi proposta, após a constituinte, utiliza a relação do conhecimento tradicional indígena sem contrapartida a esses povos. Esse fato ocorre porque:

A sociedade brasileira não se enxerga multicultural e pluriétnica, e o projeto de desenvolvimento que os governos têm assumido não dá lugar a outro modelo que não o da sociedade de consumo. Ao mesmo tempo que lhes nega o direito de manter seu modo de vida, enxerga-os através de uma lente utilitarista e etnocêntrica, que parece só admitir o direito à existência dos outros se esses servirem a algo para nós (BARBIERI, 2014, p. 15).

Os prejuízos dessa ação genocida são nefastos para as relações econômicas das comunidades indígenas. Para Barbieri (2014), habitamos em uma sociedade recolonizada, que modifica a biodiversidade em produtos farmacológicos, altera as relações socioeconômicas dos povos indígena e se apropria indevidamente de sua cultura.

Dessa forma, buscamos debater as modificações econômicas, em um curso de Licenciatura em Educação Intercultural, à luz da Etnomatemática – que estabelece laços mútuos e respeitosos com as culturas –, em prol de um convívio harmonioso e sem exploração. Assim, concordamos com Ribeiro (2006, p. 177), quando confrontamos esses fatos com a realidade em questão, afinal:



A formação de professores indígenas aponta para uma atitude em prol da superação de “ignorância” entre “culturas”. Estou convicto de que a estrutura educacional sustentada por ações de respeito, reconhecimento, compreensão e valorização nas relações multiculturais, juntamente com a formação de professores, viabiliza o fortalecimento de todo o processo.

Nosso foco de estudo está voltado para a compreensão das modificações das relações socioeconômicas e comerciais presentes no cotidiano indígena, tanto no passado quanto hoje, e de que forma a Etnomatemática pode proporcionar um mundo diverso, intercultural e melhor, juntamente com o diálogo respeitoso entre os distintos povos e culturas.

Para isso, lançamos mão de questões problematizadoras endereçadas aos alunos indígenas do curso, tais questões buscavam que eles refletissem as relações comerciais no passado e no presente, explicitando como eram realizadas e como são realizadas hoje.

O Curso de Licenciatura em Educação Intercultural: o contexto da pesquisa

O curso de Licenciatura Educação Intercultural da UFG possui um currículo formativo, composto por uma matriz de formação básica – com duração de dois anos –, e uma matriz de formação específica⁴, que se inicia a partir do terceiro ano de curso, com duração de três anos. Um dos objetivos do curso é contribuir, por meio de diversas formas, com os distintos povos indígenas, da região Araguaia-Tocantins⁵ e Xingu⁶, na busca de soluções para problemas e situações que eles enfrentam no cotidiano, desde a profissionalização docente até o fortalecimento das culturas, de suas línguas e das relações econômicas.

A estrutura curricular do curso está amparada pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no qual reconhece o direito cultural, intercultural e linguístico dos povos indígenas. Dessa forma, os ingressantes indígenas no curso, possuem uma Educação Superior específica e diferenciada.

A formação intercultural, proposta pelo curso da UFG, prioriza a autonomia do sujeito e o fortalecimento das distintas etnias. Vale ressaltar que ele tem papel importante

⁴ Todos os alunos indígenas ingressantes no curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG, nos dois primeiros anos, são matriculados nos mesmos temas contextuais, componentes da matriz de formação básica. No terceiro ano, cada aluno pode escolher sua matriz específica: “Ciências da Natureza, Ciências da Linguagem e Ciências da Cultura”, cursando componentes curriculares específicos de cada matriz.

⁵ Povos habitantes do MT, GO, TO e MA.

⁶ Os povos do Xingu entram no curso a partir do ano de 2013.



na formação e no atual contexto político que vivenciamos, de forma a mobilizar e conscientizar os estudantes a enfrentarem as consequências sofridas pelo capitalismo, pela mídia e pelo atual governo, que vem exercendo práticas genocidas e de retirada de direitos conquistados por meio de muita luta pelos povos originários.

Levando em consideração tal autonomia, o curso se estrutura por meio de temas contextuais – componentes curriculares –, a serem estudados nas matrizes de formação, e que objetivam fornecer aos estudantes indígenas subsídios para a construção de uma metodologia alternativa, capaz de contemplar a realidade sociocultural das comunidades e suas escolas.

O programa curricular do curso de Licenciatura em Educação Intercultural é pautado na transdisciplinaridade e na interculturalidade. “Essa proposta possibilita aos futuros professores indígenas uma formação capaz de construir uma nova base educacional, de caráter antropológico, e de considerar/respeitar/lidar com a diferença e com o outro” (SILVA, 2018, p. 83).

O componente curricular escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o “Tema Contextual Cultura e Comércio”, o qual tem como objetivo trabalhar as relações econômicas vivenciadas por cada povo, discutindo sobre as modificações ocorridas ao longo da história. De modo mais específico, tem como ementa: “a concepção de sistemas de troca e comercial, transações comerciais, moedas e valores de produto comerciáveis e conversões de moedas; as relações comerciais entre povos/culturas e suas mudanças ao longo da história” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2006, p. 38).

“Ainda existe entre nosso povo as trocas tradicionais”: as relações econômicas e o conhecimento etnomatemático

Em alguns povos indígenas, as produções comerciais e econômicas eram estruturadas para garantir somente a sobrevivência da comunidade, sem produção excessiva – tais produtos possuíam apenas valor de uso –, não havia valor de venda⁷. O trabalho, antes do período da exploração de terras brasileiras, era organizado por

⁷ Contudo, com o passar dos tempos e com a invasão das terras brasileiras, os demais segmentos da sociedade nacional (não indígenas) reduziram as sociedades tradicionais a contextos meramente observáveis, segundo a lógica da produtividade. Porém, os processos epistêmicos das comunidades indígenas não se constituíram (consagraram) pela lógica do capital.



membros da própria família. O resultado desse trabalho era coletivo; as propriedades de terras, as comercializações e as produções materiais e imateriais eram repartidas.

Porém, Thomson (1974) nos diz que em alguns povos indígenas, do Mato Grosso e da região Amazônica, os trabalhos e as produções, realizados nas comunidades, eram organizados por relações de parentesco e . Segundo o referido autor, a relação entre produção e comércio, do modo como as comunidades tradicionais vinham praticando, foi gradativamente sendo modificadas por meio das interferências dos não indígenas.

Silva (2018) sugere que os povos indígenas debatam e questionem essas modificações para que suas culturas e suas práticas econômicas sejam reconhecidas, valorizadas e preservadas perante à sociedade não indígena. Dessa forma, é possível que eles participem e busquem direitos para o comércio de seus produtos e artesanatos, na forma de etnossustentabilidade e etnodesenvolvimento.

Ao falar sobre relações econômicas em comunidades indígenas (ambiente natural e social) é necessário falar de Etnomatemática, pois a partir dela os conhecimentos tradicionais (aqueles que matematizam o cotidiano, ou seja, que envolvem as ações de: quantificar, ordenar, classificar, contar, comercializar, inferir, medir e relacionar) têm o seu reconhecimento teórico, ou seja, reconhece-se que cada povo possui seus saberes e fazeres matemáticos próprios, seus modos de organizar, expressar e utilizar tais conhecimentos (D'AMBROSIO, 2011). Assim, compreendemos que com o conceito que D'Ambrosio (2004) propõe para a Etnomatemática é muito mais amplo do que a compreensão de que se refere à matemática de várias culturas, pois ele propõe a valorização e o reconhecimento das culturas e de seus conhecimentos.

No que concerne à formação de professores indígenas, confrontados com questões que discutem as modificações econômicas ao longo da história, acreditamos que a Etnomatemática possibilita ao aluno indígena formar-se com uma nova visão de mundo, lidando com os diversos conhecimentos dos demais segmentos. Nessa perspectiva, Ribeiro (2006) acredita que a Etnomatemática, em consonância com questões vinculadas à diversidade cultural, possui uma aproximação de princípios que dá aporte para a construção de uma nova concepção de vida e de novos conhecimentos (etnoconhecimentos).



As modificações socioeconômicas dentro e fora das comunidades indígenas: conhecendo os dados

As reflexões em torno do tema contextual “Cultural e Comércio” foram realizadas, em 2017, com alguns estudantes indígenas do curso de Educação Intercultural da UFG, no Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena⁸, e destinaram-se a relatar as modificações econômicas de alguns povos indígenas no passado e no presente.

Objetivamos, então, o desenvolvimento de um estudo baseado nas concepções da abordagem etnográfica. Escolhemos essa abordagem, pois, em nosso entendimento, propiciará uma melhor compreensão da realidade de nossos interlocutores e das modificações históricas, dado o objeto de estudo. Para o desenvolvimento do trabalho, foram escolhidas algumas atividades, as quais foram analisadas seguindo uma abordagem de caráter hermenêutico e interpretativo, à luz da Etnomatemática.

Devemos esclarecer ainda que este artigo compreende um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, defendida em 2018. Para este estudo, optou-se pela escolha de dois grupos formados pelos interlocutores/interlocutoras das etnias Guajajara e Xerente, que corroboram com a problemática ora apresentada.

Em seguida, apresentamos alguns desenhos realizados pelos dois grupos escolhidos para este artigo, e trazemos algumas reflexões acerca dos relatos que ocorreram na realização dos seminários. Vale ressaltar que os desenhos escolhidos para compor nossa análise não foram aleatórios, e sim selecionados conforme o objetivo deste trabalho.

Os grupos⁹ tiveram que retratar em painéis suas concepções frente às modificações econômicas dentro e fora de suas comunidades. Para isso, lançamos dois questionamentos, a saber: como foram realizadas as relações comerciais no passado? E, como são realizadas as relações comerciais hoje?

⁸ Ambiente vinculado à Faculdade de Letras, no qual são realizadas as aulas do curso de Licenciatura em Educação Intercultural na UFG.

⁹ Selecionamos dois grupos, de sete, para compor os dados deste artigo. A escolha foi condizente ao propósito investigativo deste texto e às normas do Boletim Cearense de Educação e História da Matemática, quanto ao número de páginas.

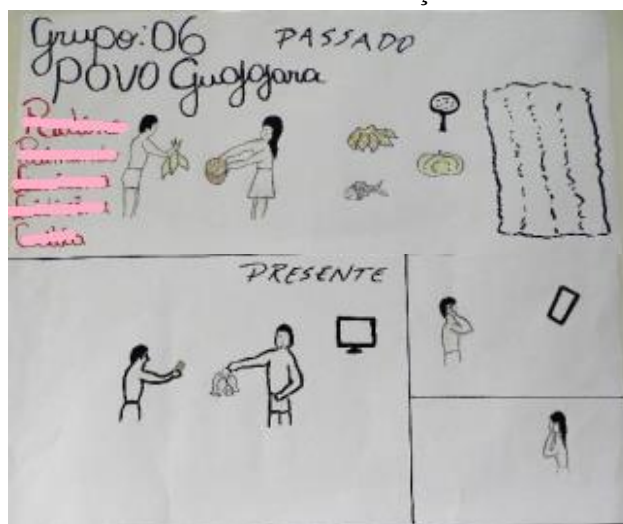


Para ajudá-los nas reflexões, foram estruturados seminários¹⁰, bem como foi proposto que eles, em grupos, registrassem, por meio de desenhos e registros escritos, suas cosmovisões frente às modificações ocorridas em suas relações econômicas ao longo da história.

No seminário apresentado pelo grupo formado pelos estudantes do povo Guajajara, destacam a importância das trocas de alimentos e da doação de caças. Afirmam que haviam trocas de objetos entre as pessoas da comunidade, e essas trocas ocorriam, também, nas cidades, como podemos ver no excerto a seguir, e nos desenhos da Figura 1:

No passado, as pessoas trocavam alimentos por outros alimentos, hoje em dia, no presente, o vizinho antigamente matava um animal e dava para ti, hoje em dia não dá mais, só se você comprar com dinheiro, não há trocas. Não vejo muita diferença do nosso passado com os dos outros indígenas, antigamente não tinha dinheiro, fazíamos trocas de objetos, um pelo outro. Trocas na cidade, meu avô levava lenha para cidade para trocar por querosene (INTERLOCUTORA DA ETNIA GUAJAJARA, GRIFO NOSSO¹¹).

Figura 1 – Painel apresentado pelos integrantes do grupo formado pelos estudantes Guajajara: Passado e Presente sobre as relações comerciais



Fonte: Acervo pessoal dos autores

¹⁰ O seminário foi o momento em que os interlocutores/interlocutoras indígenas apresentaram os painéis produzidos, e estes foram fotografados e acoplados neste texto, para que servissem de registro de suas falas.

¹¹ A primeira interlocutora da etnia Guajajara é aluna do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. O trecho foi retirado de uma atividade expositiva, em formato apresentação oral, do tema contextual Cultura e Comércio, no ano de 2017.



Já o segundo interlocutor se posiciona em relação à temática e nos diz que as trocas ocorridas no passado se fazem presentes no dia a dia da comunidade. Destacamos, por meio da fala do interlocutor abaixo, a presença do dinheiro nas comunidades indígenas, que altera e modifica as relações comerciais tradicionais do povo Guajajara. Podemos ver que, as trocas passam a ser realizadas pelo dinheiro, ou seja, no presente as relações comerciais se dão por meio da venda.

Meu pai ainda faz a troca com alguns vizinhos, troca um pedaço de animal por arroz ou farinha, outras pessoas veem na tv o preço das coisas e não fazem mais as trocas, as trocas são do dinheiro pelos produtos antigamente as pessoas trabalhavam na roça, e não tinha dinheiro, pagava os serviços com produtos, hoje é pago pelo dinheiro, e as pessoas não querem mais trabalhar com isso. (INTERLOCUTOR DA ETNIA GUAJAJARA, GRIFO NOSSO¹²).

Dessa forma, as trocas por necessidade começam a diminuir e são substituídas por trocas equiparadas monetariamente, e o dinheiro se torna mais presente nesse momento. Tanto a argumentação dos interlocutores como a Figura 1 evidenciam que no passado, do povo indígena Guajajara, as relações comerciais se davam por meio das trocas, por necessidade dos objetos ou produtos. Já no presente essas trocas são realizadas por interesse ou necessidade do dinheiro. Diante do que foi destacado, nota-se a inserção do dinheiro e o seu poder e impacto presentes nas comunidades indígenas.

Já no seminário apresentado pelo grupo formado pelos estudantes do povo Xerente, destacam as práticas das relações comerciais praticadas pelas famílias no passado. Afirmam que haviam pagamentos internos, por algo próprio do povo, haviam trocas de alimentos entre as pessoas do mesmo povo e essas trocas ocorriam, sem a presença do dinheiro, não existia um valor ou quantidade para elas ocorrerem, se davam pela necessidade da família e pelos produtos que cada um dispunha, como podemos ver nos excertos a seguir, e nos desenhos da figura 2:

No nosso desenho mostra como eram feitas as relações comerciais no passado, quando uma família precisava de uma carne trocava por mandioca, até hoje essa troca existe. Os serviços na nossa comunidade eram feitos em mutirão [...] esses desenhos, do presente, não representam nossa cultura, não

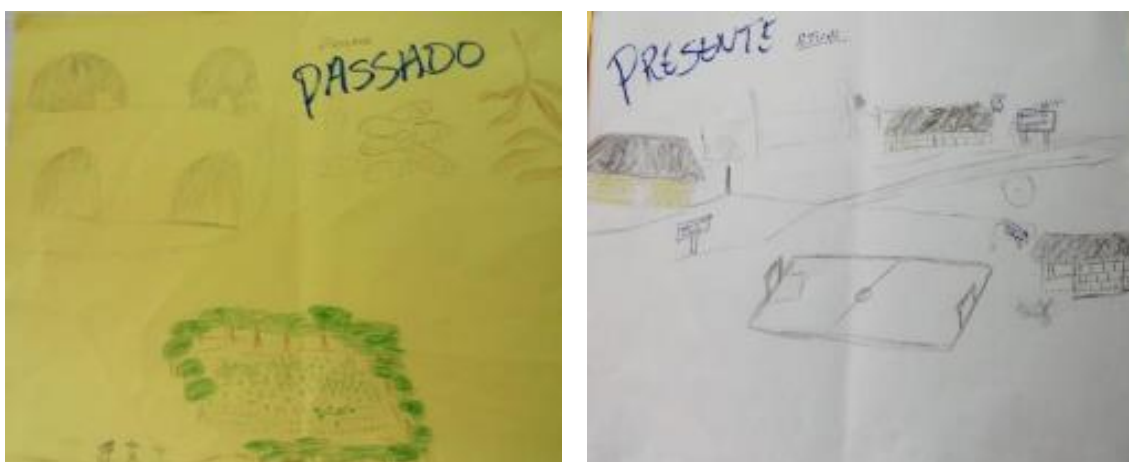
¹² O segundo interlocutor da etnia Guajajara é aluno do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. O trecho foi retirado de uma atividade expositiva, em formato apresentação oral, do tema contextual Cultura e Comércio, no ano de 2017.



conseguimos aprender e a lidar com essa realidade (INTERLOCUTOR DA ETNIA XERENTE, GRIFO NOSSO¹³).

No passado existiam as comercializações internas, as trocas, havia pagamento, no passado, quando a menina perdia a virgindade, o tio tinha o direito de receber o dote, pagamento interno [...] tudo isso acontecia no passado em nossa e nas outras etnias. O povo trocava peixe por outras coisas que necessitavam (INTERLOCUTOR DA ETNIA XERENTE, GRIFO NOSSO¹⁴).

Figura 2 – Painel apresentado pelos integrantes do grupo formado pelos estudantes Xerente: Passado e Presente sobre as relações comerciais



Fonte: Acervo pessoal dos autores

A fala de um dos interlocutores acima mostra a dificuldade de lidarem e aceitarem as modificações presentes atualmente nas comunidades. Podemos observar no desenho do presente, ao se comparar com o passado, a presença de um campo de futebol, casa de alvenaria estrutural e a ausência da natureza (fauna e flora), e em sua clareza que enxergam como essas ações externas à cultura interferem no modo próprio e tradicional de viverem. Ou seja, percebemos que as comercializações e transações internas estão ficando cada vez mais distantes da realidade do povo, devido ao atual cenário político-econômico-exploratório brasileiro.

Nesse sentido, a fala de um outro interlocutor do grupo Xerente retrata bem o exposto acima: “estamos no mundo capitalista, temos que acompanhar essa mudança [...]”

¹³ O primeiro interlocutor da etnia Xerente é aluno do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. O trecho foi retirado de uma atividade expositiva, em formato apresentação oral, do tema contextual Cultura e Comércio, no ano de 2017.

¹⁴ O segundo interlocutor da etnia Xerente é aluna do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. O trecho foi retirado de uma atividade expositiva, em formato apresentação oral, do tema contextual Cultura e Comércio, no ano de 2017.



precisamos compreender os dois mundos [...] temos que lidar com essa evolução dos dois mundos” (INTERLOCUTOR DA ETNIA XERENTE). Sua fala é carregada de preocupação, pois percebe as modificações trazidas pelo outro mundo (demais segmentos da sociedade nacional), pelo mundo capitalista e compreende que além de ser necessário entendê-lo é preciso saber lidar com as alterações que ele provoca em sua comunidade. Podemos trazer sua fala completa que retrata essa preocupação em entender os prejuízos causados pela entrada do capitalismo na comunidade. Afirma que precisam acompanhar as mudanças:

O povo Xerente não tinha povos para trocar os artesanatos no passado, antes era tudo coletivo, e com o tempo foram se espalhando as aldeias. As trocas na época eram de comida [...] Estamos no mundo capitalista, temos que acompanhar essa mudança, hoje quem tem moto precisa de gasolina e de dinheiro [...] Tem pessoas vendendo em nossa aldeia, gasolina, geladinho e outros, tem pessoas que tem até sky nas casas [...] Mas isso prejudica nossa cultura, e precisamos compreender os dois mundos, não proibimos ninguém, só conscientizamos, mesmo com a evolução não perdemos nossa aldeia, temos que estabilizar no futuro e lidar com essa evolução dos dois mundos [...] Nosso próximo sonho, o que representamos no cartaz, é uma universidade dentro de nossa aldeia [...] Antigamente as pessoas trabalhavam na roça porque não tinha escola, emprego fixo, hoje em dia temos que acompanhar a evolução (INTERLOCUTOR DA ETNIA XERENTE, GRIFO NOSSO¹⁵).

Mediante as argumentações supraditas, há uma necessidade de se entender e compreender os impactos que o conhecimento colonizador, que gera exclusão, proporciona em cenários indígenas, de que forma altera os modos de coletividade, e privilegia o lucro e o sistema monetário. Vejamos mais algumas argumentações do grupo tratando da questão da coletividade e como a inserção do dinheiro altera desse modo de viver, pois a partir dele, muitas ações e necessidades do povo passam a precisar do dinheiro para ocorrerem:

No passado, as construções eram feitas coletivamente, em conjunto, no presente não está assim [...] Também apareceu outras coisas nas aldeias, gasolina [...] Estamos vendendo isso nas aldeias, isso mudou nossa forma de viver, o serviço coletivo ainda existe [...] O que mudou do passado é o modo de viver, no passado mantínhamos nossa cultura [...] Temos que entender as relações comerciais, não sabemos dividir, tudo é troca, dinheiro [...] Para os nossos ancestrais, tudo era a roça, no presente existe geladinho, gasolina e borracharia. Hoje precisamos de dinheiro, temos que ter dinheiro para sustentar

¹⁵ O terceiro interlocutor da etnia Xerente é aluno do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. O trecho foi retirado de uma atividade expositiva, em formato apresentação oral, do tema contextual Cultura e Comércio, no ano de 2017.



e comprar roupa, não podemos ficar pelados. (INTERLOCUTOR DA ETNIA XERENTE, GRIFO NOSSO¹⁶).

Apesar das falas expostas apontarem para uma tentativa de se preservar somente as tradições comerciais indígenas do passado, é possível perceber, mesmo não sendo diretamente dissertadas pelos interlocutores, mas pelas leituras realizadas, que as práticas capitalistas ilegais (explorações) representam à sociedade indígena diversos prejuízos, pois estas querem detém os conhecimentos para comercializar e utilizar de seu patrimônio imaterial e material.

Entretanto, mesmo que não seja foco deste artigo, acreditamos ser importante registrar que nas apresentações, principalmente quando retratavam sobre o modo como imaginavam que as relações comerciais se dariam no futuro, , é possível perceber, , uma inquietação e necessidade de mudança por parte dos indígenas frente aos problemas aqui retratados. Assim, mediante às falas dos interlocutores do povo Guajajara e Xerente, podemos afirmar que há um desejo de que uma valorização comercial e cultural ocorra, e com isso um reconhecimento social e econômico das populações indígenas.

Levando em consideração essas abordagens, percebe-se que essas modificações causam estranheza quando o mercado econômico se utiliza indevidamente dos saberes e fazeres milenares – repassados de geração a geração. Observou-se, ainda, que realmente houve uma modificação nas relações econômicas tradicionais e uma mudança na coletividade retratados pelos integrantes dos grupos formados pelos estudantes do povo Guajajara e do povo Xerente. Esses dados são alarmantes: existe uma ausência por parte do Estado nas discussões jurídicas que determinam a preservação e a conservação da biodiversidade e das relações comerciais associada à cultura indígena.

O que ficou até aqui...

O reconhecimento das relações econômicas e comerciais, as diferenças culturais e sociais e o respeito para com o outro vieram em convergência em nossas aflições, por meio dos relatos dos interlocutores. Nessa perspectiva, surge uma vasta diversidade

¹⁶ O terceiro interlocutor da etnia Xerente é aluno do curso de Licenciatura em Educação Intercultural da UFG. O trecho foi retirado de uma atividade expositiva, em formato apresentação oral, do tema contextual Cultura e Comércio, no ano de 2017.



cultural, com distintos modos próprios de perceber e visualizar o meio e o mundo politicamente capitalista e individualista.

No que tange a formação superior dos professores indígenas as práticas socioeconômicas são abordadas ao longo do processo formativo desses povos. O diálogo aqui levantado por meio da Etnomatemática, proporcionou algumas constatações reflexivas por parte dos interlocutores/interlocutoras, frente à valorização e as modificações econômicas ocorridas em suas comunidades, práticas essas discutidas ao longo da formação, em busca de uma abertura de horizontes por todos os envolvidos no processo.

Nesse sentido, o processo formativo proporciona diálogos entre e dentre os povos indígenas com os que detêm o tal “poder” em nossa sociedade. As questões aqui analisadas, mediante as concepções da Etnomatemática, despertaram nos interlocutores/interlocutoras atitudes e interações, expondo seus desejos, sonhos de vida, expectativas e vontades frente às diversas modificações ocorridas ao longo da história.

A partir de nossa análise, pudemos perceber um pouco a realidade vivenciada por alguns povos indígenas da região Araguaia-Tocantins, bem como os impactos, a partir do que descrevem os próprios indivíduos, causados pela cultura ocidental dominante.

Apesar das falas expostas apontarem para uma tentativa de se preservar somente as tradições comerciais indígenas do passado, é possível perceber, mesmo não sendo diretamente dissertadas pelos interlocutores, mas pelas leituras realizadas, que as práticas capitalistas ilegais (explorações) representam à sociedade indígena diversos prejuízos, pois estas querem detêm os conhecimentos para comercializar e utilizar de seu patrimônio imaterial e material.

Compreende-se que a visão do e sobre o outro proporciona uma valorização das relações de poder e hierarquia, e também possibilita novos olhares sobre os impactos dos demais segmentos de nossa sociedade. O estudo sobre temas que abarcam as relações econômicas e suas modificações, neste contexto, foi um espaço de diálogo e espaço para que os licenciandos pudessem relatar e apresentar as problemáticas enfrentadas e vivenciadas em sua comunidade.

É importante salientar que a abordagem mediante as principais concepções da Etnomatemática, trazidas aqui, foi extremamente oportuna, pois proporcionou aos alunos



indígenas oportunidades e espaços de debates sobre os enfrentamentos vivenciados por meio de práticas econômicas e comerciais, de forma a tentar fortalecer os saberes e práticas tradicionais envolvidas em seu povo. É necessário ainda, para uma educação intercultural no futuro, debater os saberes e fazeres próprios (oriundos dos mais diversos contextos), para que as diversas populações indígenas promovam questionamentos sobre sua condição humana, frente à era tecnológica e politicamente capitalista que essas populações estão vivenciando na atualidade. Enquanto pesquisadores da área de Educação Matemática, no viés da interculturalidade, acreditamos que este texto é o começo de um caminho melhor e sem (pré)conceitos em busca de um futuro diferente, que se posicione contra as explorações com os povos indígenas,

Referências

BARBIERI, S. R. J. **Biopirataria e povos indígenas**. 1. ed. São Paulo: Almedina, 2014.

BRASIL. **Constituição federal de 1988**. Brasília: MEC, 1988.

CABRAL, J. F. P. **Rousseau: desigualdade e contrato**. 2016. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/rousseau-desigualdade-contrato.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

D'AMBROSIO, U. Um enfoque transdisciplinar à educação e à história da matemática. *In*: Borba, M. C.; Bicudo, M. A. V. (Org.). **Educação matemática: pesquisa em movimento**. São Paulo: Cortez, 1999, p.13-29.

D'AMBROSIO, U. Etnomatemática e educação. *In*. Kniknik, G.; Oliveira, C. J.; Wanderer, F. (Org.). **Etnomatemática: currículo e formação de professores**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, p. 39-52, 2004.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. São Paulo: Autêntica, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

HABER, A. Nometodología payanesa: notas metodologia indisciplinada. **Chile antropologia revista**, Catamarca-Chile, n. 23, p. 9-49, 2011.



RIBEIRO, J. P. M. **Etnomatemática e formação de professores indígenas: um encontro necessário em meio ao diálogo intercultural.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2006.

ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou da Educação.** Trad. Roberto Leal Ferreira - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SILVA, M. M. **Etnomatemática e relações comerciais na formação de professores indígenas.** Dissertação (Mestrado em Educação em Educação em Ciências e Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás, 2018.

THOMSON, G. **Os primeiros filósofos.** 1 ed. Lisboa: Estampa, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Núcleo Takinahakỹ De Formação Superior Indígena. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Intercultural,** Goiânia, 2010.

Recebido em: 15 / 01 / 2021

Aprovado em: 17 / 04 / 2021